



NOTA PRÉVIA SOBRE UM SÍTIO DE CAÇADORES-COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU NA ÁREA DO RESERVATÓRIO ALAGADOS, EM PONTA GROSSA – PR

PRELIMINARY NOTE ON AN UMBU TRADITION HUNTER-GATHERER SITE IN THE AREA OF THE ALAGADOS RESERVOIR, IN PONTA GROSSA – PR

Moacir Elias Santos¹, Antonio Liccardo², Alessandro Giulliano Chagas Silva³

1 Centro Universitário Campos de Andrade, Paraná, Brasil.

2 Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

3 Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas (Gupe), Paraná, Brasil

Autor correspondente: moacisadowski@hotmail.com

RESUMO

Este estudo apresenta o registro e a identificação de um sítio arqueológico, denominado “Represa do Alagados 1” na área do reservatório Alagados, no Município de Ponta Grossa, estado do Paraná. Foi por meio de um levantamento de campo que realizamos o registro deste sítio no cadastro nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a fim de assegurar a sua conservação e estudos futuros, bem como compreendê-lo, a partir de seus vestígios, como pertencentes a um grupo de caçadores-coletores da tradição Umbu.

Palavras-chaves: Sítio Arqueológico; Artefatos Líticos; Tradição Umbu; Reservatório Alagados; Ponta Grossa

ABSTRACT

This study presents the registration and identification of an archaeological site, called “Represa do Alagados 1” in the area of the Alagados reservoir, in the municipality of Ponta Grossa, state of Paraná. It was through a field survey that we carried out the registration of this site in the National Register of Archaeological Sites of the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, to ensure its conservation and future studies, as well as to understand it, based on its vestiges, as belonging to a group of hunter-gatherers of the Umbu tradition.

Keywords: Archaeological Site; Lithic Artifacts; Umbu Tradition; Alagados reservoir; Ponta Grossa

1. INTRODUÇÃO

A presença humana pré-histórica na região dos Campos Gerais do Paraná pode ser atestada principalmente por meio dos inúmeros sítios com pinturas rupestres, que são conhecidos desde o início da segunda metade do século XX. Os pioneiros nas descobertas foram o casal de pesquisadores franceses, Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire, e o arqueólogo paranaense Oldemar Blasi que realizaram estudos na área do município de Pirai do Sul [1]. Já a partir da década de 1970, Blasi, como pesquisador do Museu Paranaense, intensificou as pesquisas em diversos outros municípios como Tibagi, Castro, Sengés e Jaguariaíva [2] e, desde então, mais de 100 sítios com arte rupestre já foram localizados [3].

Outros tipos de vestígios, como materiais líticos, começaram a ser encontrados em sítios de Ponta Grossa, como os que foram escavados pelo arqueólogo Igor Chmyz, do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, no princípio da década de 1970. Ele realizou estudos em três sítios, dois deles com pinturas rupestres, situados às margens do rio Quebra-Perna na região conhecida atualmente como “Passo do Pupo”. São os sítios Abrigo Cambiju, onde o arqueólogo escavou artefatos que estavam presentes em estratigrafia que atingiu mais de um metro de profundidade, e o Abrigo Morro do Castelo [4].

Nas décadas seguintes, mais sítios foram localizados por meio de diversos projetos de pesquisa, ora realizados pelo Museu Paranaense, ora pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da



Universidade Federal do Paraná, em diversos municípios dos Campos Gerais.

A geologia da área onde estes sítios estão localizados enquadra-se na formação do Arenito das Furnas, distante apenas 6 km a nordeste do parque de Vila Velha, e situa-se a 800 metros acima do nível do mar. Nesse local há campos limpos, que são constituídos por vários gêneros de gramíneas baixas, com poucas ervas, semi-arbustos e arbustos, especialmente o pertencente às mirtáceas, com frutos comestíveis, como a guabiroba-do-campo, e palmáceas anãs. São comuns também os capões limitados às depressões mais úmidas. Este ambiente abrigava no passado uma rica fauna, composta principalmente por cervídeos, canídeos, desdentados, estrutionídeos, entre

outros. Algumas espécies ainda podem ser encontradas na região enquanto outras desapareceram, a exemplo das emas.

Outrossim, mais recentemente, a partir do final da década de 1990, a necessidade de estudos preventivos de arqueologia, devido à realização de empreendimentos de engenharia dos mais diversos tipos, resultou na ampliação do número de sítios identificados, registrados e pesquisados. No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN – CNSA – o município de Ponta Grossa aparece com oito sítios arqueológicos pré-coloniais (tabela 1). Outrossim, este número é maior, visto que há sítios com pinturas rupestres já conhecidos e publicados que não constam no cadastro e sítios ainda não catalogados.

Tabela 1: Sítios arqueológicos registrados na área do município de Ponta Grossa

NOME DO SÍTIO	CÓDIGO	MUNICÍPIO	CATEGORIA	TIPO	CURSO D'ÁGUA
Lavrinha	PR00715	Ponta Grossa	Pré-colonial	Cerâmica a céu aberto	Rio Guarituvá
Abrigo sob Rocha Cambiju	PR00909	Ponta Grossa	Pré-colonial	Arte rupestre e líticos	Rio Quebra Perna
Abrigo Morro do Castelo	PR00910	Ponta Grossa	Pré-colonial	Líticos e estrutura de combustão	Não informado
Conceição I	PR01759	Ponta Grossa	Pré-colonial	Líticos a céu aberto	Córrego da bacia do
Conceição II	PR01760	Ponta Grossa	Pré-colonial	Líticos a céu aberto	Córrego da bacia do
Barra Bonita I	PR01761	Ponta Grossa	Pré-colonial	Líticos a céu aberto	Córrego da bacia do
Barra Bonita II	PR01762	Ponta Grossa	Pré-colonial	Líticos a céu aberto	Córrego da bacia do
Barra Bonita III	PR01758	Ponta Grossa	Pré-colonial	Líticos e estrutura de	Córrego da bacia do

Fonte: IPHAN. Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, 2019.

Por vezes, estes espaços que conservam vestígios da cultura material de populações pretéritas são indicados aos pesquisadores por moradores ou visitantes que os localizaram de forma fortuita. Foi justamente um caso semelhante a este que levou os autores do presente artigo a um sítio arqueológico que não tinha sido registrado. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar o registro e a identificação de um sítio arqueológico, denominado “Represa

do Alagados 1” na área do reservatório Alagados, no Município de Ponta Grossa, estado do Paraná.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Em 1929 foi criado o Reservatório Alagados, a partir do represamento do Rio Pitangui, com o objetivo da geração de energia elétrica com a instalação de uma usina pela



COPEL [5]. Este reservatório inundou uma parte significativa da área sem levar em conta a presença de materiais arqueológicos, visto que não havia qualquer exigência para a sua preservação na época. Até onde sabemos, nenhum levantamento sistemático foi, até o presente, realizado no entorno do reservatório Alagados, embora outros sítios, a exemplo do Abrigo Usina São Jorge - foco de estudo monográfico [6] e de artigos [7] por um dos autores do presente, estejam nas proximidades.

Em 1977 o reservatório começou a ser utilizado como fonte de água para o município, além do próprio rio Pitangui, totalizando aproximadamente 38% do abastecimento. Ocorre, contudo, que mesmo possuindo 27,7 milhões de m³ de água em sua área e profundidade oscilando entre 4 e 14 metros [8], as alterações no regime pluviométrico na região fazem com que o nível do reservatório oscile.

Foi justamente devido a esta oscilação causada pela estiagem prolongada que vestígios arqueológicos foram localizados por moradores e pescadores que atuam na região da margem direita do reservatório. Por se tratar de vestígios líticos, notadamente pontas de projéteis que são

facilmente reconhecíveis por leigos, que tais peças começaram a ser coletadas sem a devida autorização. Estas coletas se intensificaram, a exemplo da que foi feita por um morador que mantém consigo mais de 35 pontas de projéteis, o que tornava o registro do sítio urgente, bem como uma comunicação ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sobre a sua existência e situação de risco. Assim, no ano 2020, devido a uma estiagem prolongada, quando o nível do reservatório estava dois metros abaixo do nível considerado normal, foi possível a investigação na área a fim de realizarmos o seu registro.

Em 4 de agosto de 2020 realizamos a vistoria na área, partindo do Iate Clube de Ponta Grossa. O local só pôde ser acessado por meio de barco, uma vez que as únicas estradas próximas se encontram nos limites das propriedades circundantes. O sítio (figura 1) está situado dentro do perímetro formado pelas coordenadas 22J 682700/ 7176877; 22J 598168 /7233762; 22J 598215/ 7233695; 22J 598199/ 723369, totalizando uma área aproximada de 1800 m² (figura 2).

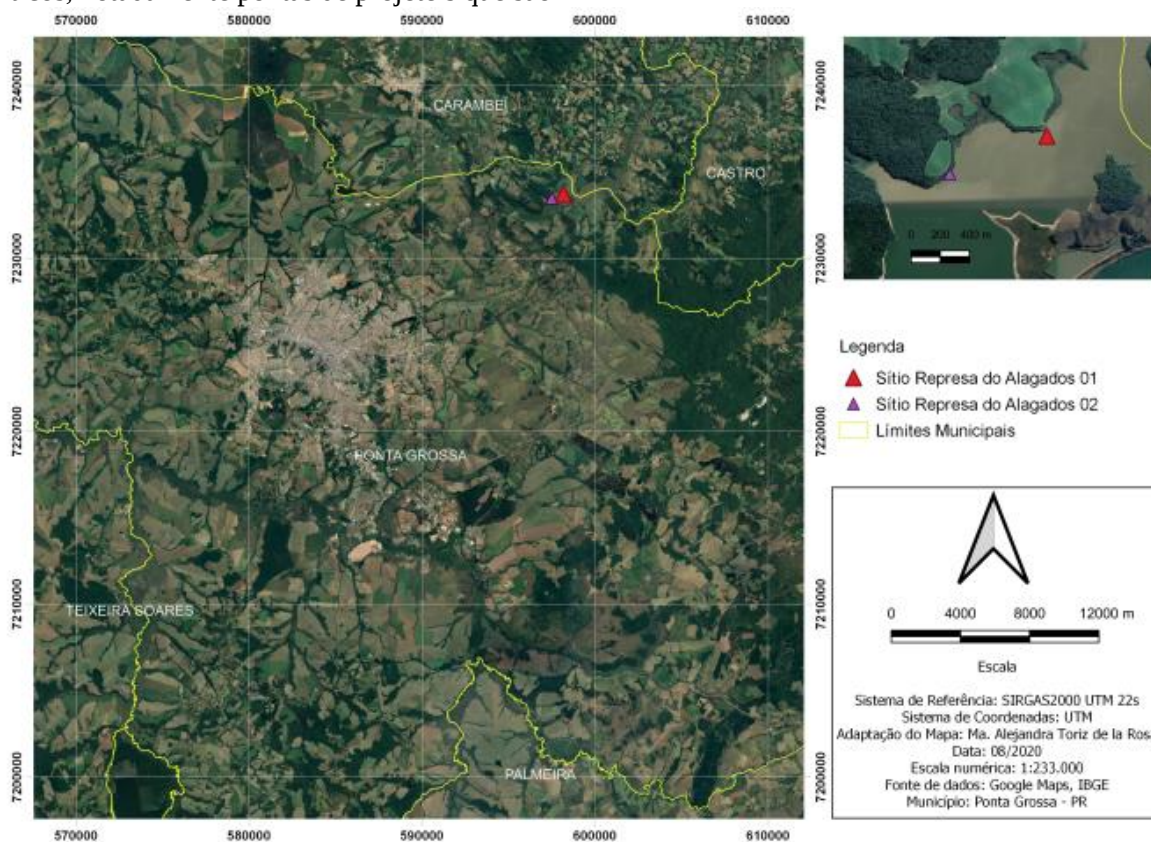


Figura 1: Mapa com a localização do sítio na área do reservatório.

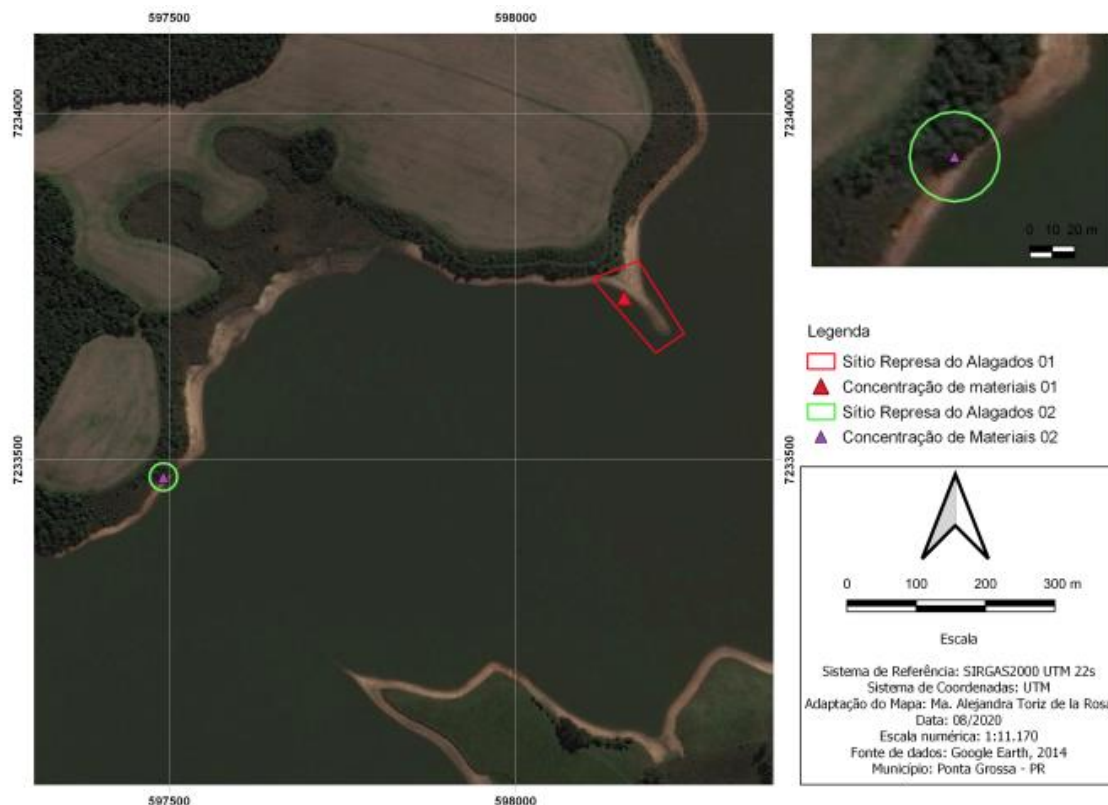


Figura 2: Mapa com a delimitação dos vestígios arqueológicos na área do reservatório.

Ao desembarcarmos iniciamos uma observação na superfície de toda a área da península que

tinha sido formada pela estiagem (figura 3).





Figura 3: Área em forma de uma península que surgiu durante a estiagem. Foto dos autores.

Inúmeros vestígios líticos lascados estavam visíveis em toda a superfície. Algumas concentrações de materiais puderam ser notadas, mas são claramente atividades de um indivíduo, ou indivíduos, que estiveram no local recentemente. Estes vestígios foram

amontoados e, infelizmente retirados do seu contexto original, certamente com o objetivo de selecionar as peças mais significativas para coleta. (figura 4).



Figura 4: materiais líticos reunidos por indivíduo, ou indivíduos, que estiveram recentemente no sítio. Foto dos autores.

Outros materiais encontravam-se dispersos, revelando assim a integridade de boa parte do sítio. Estimamos o grau de integridade entre 25 e 75% para esta área. Nenhuma intervenção foi feita no local para estimar a profundidade do sítio.

Na sequência procedemos com o registro dos vestígios *in situ* e procuramos identificar os materiais líticos e as matérias primas. A maioria das peças presentes são lascas simples, mas também ocorrem algumas com retoques. Foi possível localizar algumas pontas de projétil e artefatos para corte ou raspagem. No que se refere a matérias primas constatamos a presença de silexito, quartzo leitoso e calcedônia. Tais matérias primas não são comuns na região, o que leva a um questionamento sobre os diferentes locais de

origem. Este é um tema que precisará ser investigado no futuro.

Após o registro fotográfico realizamos a marcação da área com o auxílio de um sistema de posicionamento global via-satélite (GPS) e procedemos ao registro das dimensões físicas do sítio com o auxílio de uma trena. Por fim, realizamos um caminhar nas áreas próximas, a fim de encontrar outros possíveis vestígios que estivessem associados a este sítio ou a outros. Em direção sudoeste, à distância de 800 metros do sítio, localizamos alguns materiais líticos lascados que se encontravam esparsos, entre os quais uma ponta de projétil fragmentada (figura 5). Esta área foi registrada com o auxílio de um GPS: 22J 597541/7233519.



Figura 5: Ponta de Projétil em sílexito. Foto dos autores.

3. DISCUSSÃO: VESTÍGIOS DA TRADIÇÃO UMBU

A presença de artefatos e fragmentos líticos, notadamente as pontas de projétil que identificamos no sítio, pode ser relacionada à denominada “tradição Umbu”. Esta tradição, com idade estimada entre 10 mil e 4 mil anos AP [9] está relacionada a pequenos grupos humanos de caçadores-coletores que eram nômades, isto é, viviam migrando de uma região para outra a fim de garantir a sua subsistência.

Eles ocupavam áreas a céu aberto, tal como ocorre com o sítio que registramos, construindo abrigos

temporários, em locais que poderiam ter vários metros de diâmetro, identificados pela diferenciação do solo, em geral mais escuro devido à matéria orgânica, mas se utilizavam também de formações naturais, como os abrigos sob-rocha. As pinturas encontradas nestes espaços também podem estar associadas à tradição Umbu. Cabe aqui ressaltar a proximidade da área investigada com outro sítio arqueológico com pinturas que citamos anteriormente: o Abrigo Usina São Jorge.

Segundo Prous [10] a estrutura interna destes locais de moradia ainda é desconhecida. Há, contudo, a presença de fogueiras espessas de forma circular rodeadas por blocos de basalto que foram



encontradas em outros locais no Paraná, notadamente do oeste do estado. Ao que parece este grupo procurou regiões menos arborizadas, situadas entre 400 e 500 metros de altitude, e deixaram seus registros em áreas próximas aos rios, riachos, arroios e lagos.

Conhecemos um pouco de sua dieta pelos vestígios provenientes de escavações, notadamente no Rio Grande do Sul, que revelaram uma certa generalização: caçavam animais (mamíferos, aves e répteis) de diversos tamanhos, pescavam com o uso de anzóis de osso, coletavam conchas bivalves nos rios e caracóis em terra [11]. Sobre a coleta de vegetais, a presença de restos encontrados em escavações arqueológicas revelou que consumiam cocos de palmeiras.

Estes caçadores-coletores selecionaram matérias primas para a produção de seu instrumental lítico. São encontrados artefatos feitos de rochas denominadas frágeis, como o quartzo (hialino e leitoso), o sílex, a calcidônia, a ágata e o calcário silicificado e o quartzito [12]. Estas rochas possibilitam a extração de lascas e ao retoque, inclusive por pressão, ao contrário de rochas semifrágéis, a exemplo do basalto, que eram empregadas para a elaboração de instrumentos pesados [13]. Fragmentos de arenito encontrados mostram o seu uso como polidores ou alisadores.

Dentre os diferentes tipos de artefatos encontrados em sítios da cultura Umbu, as pontas de projétil são as mais características. Ocorrem nos seguintes formatos: foliáceas, bifaciais, ovais e triangulares. As pontas triangulares têm o corpo na forma de um triângulo isósceles com o pedúnculo na parte inferior, contendo ou não as aletas. São lascadas bifacialmente e os bordos apresentam um serrilhamento, obtido por meio da pressão. Estas pontas possuem proporções variadas, provavelmente para usos diferenciados, uma vez que eram presas nas flechas feitas de madeira. As menores

podem ter ao redor de 2,5 cm, enquanto as maiores passam de 15 centímetros. Neste último caso se trata de ponta de lança. A média do comprimento das pontas da tradição Umbu é de 4 a 7 centímetros. Há uma diferenciação na quantidade deste tipo de artefato variando de sítio para sítio. Em um sítio oficina, o local onde as pontas eram produzidas, é possível encontrá-las em grande número, ao contrário de um sítio que funcionou temporariamente como local de acampamento [14]. A presença de grande quantidade de material lítico, notadamente as pontas, sugere que a área que investigamos para a realização do cadastro do sítio é, provavelmente, um sítio oficina.

A partir das lascas a cultura Umbu também produziu outros instrumentos, geralmente os retoques atingem toda a superfície. Há raspadores, furadores, percutores, grandes bifaces, buris e facas (geralmente bifaciais) [15]. Lascas secundárias, lâminas e núcleos também são encontrados. Outro artefato presente em alguns sítios são os trituradores com vestígios de pigmentos vermelhos, originários da hematita, que podem ter servido para preparação da tinta utilizada nas pinturas rupestres. Prous também explica a existência de variações regionais e cronológicas que pode ser reconhecida por meio da cultura material da Tradição Umbu:

“De uma maneira geral, acreditamos que haveria duas fácies geográficas: uma meridional (Rio Grande do Sul) e uma setentrional (a partir do Paraná); (...) No Sul, a porcentagem de lascas retocadas, particularmente com retoque invasor, é muito maior, enquanto que em certas fases do Paraná (Vinitu) mal atinge 3%. As bolas polidas, os instrumentos pedunculados e furadores retocados parecem ser exclusivos do Rio Grande do Sul (...). Os bifaces foliáceos são também menos numerosos e menos cuidadosamente elaborados no Norte do que no Sul. As diferenças existem até em detalhes das pontas de projétil, alguns tipos das quais são privativos da região meridional e do Paraná: pedúnculo com base sinuosa e bordos



serrilhados, por exemplo” [16].

Outras diferenças, contudo, já não podem ser levadas em consideração pela ausência de um determinado tipo de vestígio. Este é o caso dos instrumentos fabricados a partir de ossos, que são quase que exclusivos de sítios do tipo abrigo, do estado do Rio Grande do Sul. Entre as peças estão furadores, produzidos através do lascamento dos ossos com a ponta posteriormente polida, e retocadores, confeccionados com chifres de cervídeos e utilizados como instrumento para a produção de artefatos de rocha. Há também instrumentos trabalhados, a exemplo dos anzóis curvos (que possuem reentrâncias para a amarração da linha), espátulas e agulhas perfuradas e não perfuradas, sendo estas provavelmente utilizadas para trançado. Em sítios próximos a costa também foram encontrados adornos confeccionados a partir de dentes de tubarão e conchas bivalves [17].

A cultura Umbu também se preocupava com seus mortos, visto a existência de três abrigos, todos no Rio Grande do Sul, onde foram encontrados sepultamentos. Conforme explica Prous:

“Os corpos (existem adultos e crianças) estavam deitados sobre uma camada de cinzas sobreposta a um pavimento de pedras, algumas servindo de ‘almofada’ para a cabeça. Alguns ossos mostram vestígios de queima, indicando que o corpo foi depositado sobre brasas. Acima vem um ‘embrulho’ de folhas, e o conjunto recoberto por terra ou blocos de pedra. O mobiliário funerário, quando existente, limita-se a colares de conchas.” [18]

No estado do Paraná até o presente não foram localizados sepultamentos que auxiliassem na ampliação dos conhecimentos sobre esta população antiga. Uma das razões é que não existem grandes abrigos que pudessem preservar estes vestígios, conforme ocorre em outros lugares.

4. CONCLUSÃO

Por meio da realização deste levantamento de campo, foi possível confirmarmos a presença de um sítio arqueológico na área do Reservatório Alagados e uma segunda área com ocorrência de materiais. Ao finalizarmos a coleta dos dados procedemos com o registro do sítio, que foi nomeado “Represa Alagados 1” (RdA1). Os dados obtidos com este breve estudo serviram para o preenchimento da ficha de cadastro do sítio que foi encaminhado para a Superintendência Estadual do IPHAN, no Paraná.

Após a verificação dos dados, a equipe técnica de Arqueologia da Superintendência de Curitiba procedeu com o registro do sítio arqueológico e enviou o mesmo para o Centro Nacional de Arqueologia (CNA) em Brasília, onde foi incluído no cadastro nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Com este reconhecimento, estamos certos de que alcançamos o objetivo do trabalho, que foi assegurar a conservação, pois o registro oficial possibilita uma melhor proteção do sítio e estudos futuros.

Na sequência do trabalho, ao reconhecemos os vestígios líticos, identificarmos as matérias-primas presentes, delimitarmos a extensão do sítio e associá-los aos caçadores-coletores da tradição Umbu, fica clara a importância deste local. Há, também uma urgência que estudos sejam feitos e que os vestígios possam ser resgatados, visto que se encontram ameaçados pela ação antrópica e pela oscilação das águas do reservatório. Por fim, algumas questões sobre o sítio ficaram em aberto, pois não se tratava de uma investigação aprofundada como parte de um projeto de pesquisa. Podemos citar, por exemplo, o fato do sítio ter sido utilizado como uma oficina lítica, visto que as matérias primas presentes não são comuns na região. Assim, tais materiais devem ter sido



trazidos de outras áreas. De qualquer forma, estudos futuros no sítio “Represa Alagados 1” poderão contribuir ainda mais para a compreensão da ocupação humana na região de Ponta Grossa e nos Campos Gerais.

5. REFERÊNCIA

- [1] LAMING, A.; EMPERAIRE, J. Descobertas de pinturas rupestres nos planaltos paranaenses. Tradução de José Maria de Menezes. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*, Curitiba, n.1, p. 81-93, 1968.
- [2] NIGRO, L.H.F. et al. Projeto Porto Amazonas. Dédalo, São Paulo, ano IX, n.17-18, p.100, junho/ dezembro 1973.
- [3] PARELLADA, C. I. Arte rupestre no Estado do Paraná. *Revista Científica da FAP*, Curitiba, v.4, n.1, p. 73-98, 2009.
- [4] CHMYZ, I. Nota prévia sobre o sítio PR PG 1: abrigo sob rocha Cambiju. *Estudos Brasileiros*, Curitiba, n.2, p.231-246, 1976.
- [5] NÚCLEO DE ESTUDOS EM MEIO AMBIENTE (NUCLEAM). *Bacia Hidrográfica do Manacial Alagados*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002
- [6] SILVA, A. G. C. *Pinturas rupestres do sítio arqueológico Abrigo Usina São Jorge, Ponta Grossa - PR*. Ponta Grossa, 1999, 52p. Monografia de conclusão de curso de Geografia, UEPG.
- [7] SILVA, A. G. C.; PARELLADA, C. I.; MELO, M.S. Pinturas rupestres do sítio arqueológico abrigo Usina São Jorge, Ponta Grossa, Paraná. *Publicatio UEPG. Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias*, Ponta Grossa, v.13, 25-33, 2007.
- [8] NÚCLEO DE ESTUDOS EM MEIO AMBIENTE (NUCLEAM). *Bacia Hidrográfica do Manacial Alagados*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002
- [9] PARELLADA, C. I. “Arqueologia dos Campos Gerais”. In: MELO, M. S.; MORO, R. S.; Guimarães, G. B. *Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007, p. 163-165.
- [10] e [11] PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.
- [12] PARELLADA, C. I. “Arqueologia dos Campos Gerais”. In: MELO, M. S.; MORO, R. S.; Guimarães, G. B. *Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007, p. 163-165.
- [13] PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.
- [14] PROUS, A. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- [15], [16], [17] e [18] PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.